Prof. Sebastião Pagano, um tipo inesquecível

Prof. Sebastião Pagano, an unforgettable type

D. Marcus de Noronha da Costa
(sócio correspondente do IHGSP)

Resumo:
Breve perfil do Prof. Sebastião Pagano, líder monarquista, professor universitário, escritor e jornalista, membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.
Palavras-chave: Sebastião Pagano; movimento monárquico; Patrianovismo.

Abstract:
Brief profile of the life and work of Prof. Sebastian Pagano, monarchist leader, university professor, writer and journalist, member of the Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.
Keywords: Sebastian Pagano; monarchist movement; Patrianovismo.

Prof. Sebastião Pagano

Desde que foi admitido no *Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* e daí em diante, o Prof. Sebastião Pagano tornou-se um *tipo inesquecível*, entre os sócios do sodalício, com a virtude não muito comum de saber administrar o tempo, para poder estar presente em todos os locais das suas obrigações de docente universitário, conselheiro econômico, conferencista, colunista do *Diário dos Associados* e do *Correio Paulistano*, homem de sociedade e três vezes por semana, ao fim da tarde, frequentava a tertúlia dos confrades numa das salas da instituição em que todos assinavam o livro de presença.

Em setembro de 1961, quando visitei São Paulo pela primeira vez, tive a oportunidade de constatar este fato e lembro-me de ter sido apresentado por ele a alguns dos sócios: José Pedro Leite Cordeiro (presidente da instituição), Alceu Maynard de Araújo, Aureliano Leite, Tito Lívio Ferreira, Dante de Laytano, Pedro Brasil Bandecchi, Carlos Penteado de Rezende e, por um mero acaso, a J. F. [*Yan*] de Almeida Prado, que nessa tarde tinha estado a investigar na biblioteca do Instituto.

Sebastião Pagano nasceu em Pederneiras-SP a 17 de maio de 1908; posteriormente os pais transferiram-se para Montevidéu, Paris e Buenos Aires, onde

fez os estudos secundários; regressando a São Paulo, recebeu diploma de perito contabilista na *Escola de Comércio Alvares Penteado*, em 1926 matricula-se na *Faculdade de Filosofia e Letras de S. Bento*, agregada à Universidade de Louvain, fundada pelo Abade Mitrado do respectivo convento, D. Miguel Kruse, e tendo nessa época como docentes mais prestigiados o belga Leonardo Van Acker e Alexandre Correia, perseverante tradutor para o português da *Suma Teológica* de São Tomás de Aquino.

As qualidades intelectuais de Sebastião Pagano manifestaram-se imediatamente no *Centro de Debates,* ao proferir a conferência *O Melhor Governo segundo S. Tomás de Aquino*, terminando pela conclusão da monarquia aristo-democrática de governo misto; obtido o grau acadêmico, seguiu mais dois cursos anuais de *Exegese da Metafísica* e *Críticas à Sociologia de Durkhein.*

Quando aluno da *Alvares Panteado* ainda frequentou o *Centro Monarquista de São Paulo,* presidido pelo Dr. Amador da Cunha Bueno, e na *Faculdade de S. Bento* conheceu Arlindo Veiga dos Santos, com quem veio a fundar o *Centro Monarquista de Cultura Social e Política*, que deu posteriormente origem ao movimento político *Patrianovista.* Aqueles que vieram a constituir esse grupo de ação política eram provenientes das associações católicas da arquidiocese de São Paulo, fortemente doutrinados pela ação de Jackson de Figueiredo, que perfilhava a doutrina política da *Contra-Revolução* como sustentáculo da *ordem* e da *tradição,* em oposição à *Reforma Protestante*, ao *Aufklarüng* e aos *Positivistas.*

Efetivamente era Sebastião Pagano o único do grupo com formação monarquista, porque para os tradicionalistas a *ideia* precede a *ação*, fato que não acontece no regime republicano, onde impera o *nominalismo* e reage à afirmação de Karl Marx de a classe burguesa se servir da *ideologia* para atingir fins inconfessáveis e de a história da sociedade não foi mais do que o espelho da luta de classes ao longo dos séculos e contrapõe o pensamento de George Valois quando este fez a continuidade do *l'homme qui a été,* o qual agia pela tradição, aceitava a lei do trabalho e tinha respeito pela autoridade, sucedendo-lhe *l'homme qui vient*, que agirá da mesma maneira em temor aos ataques ditados pela razão ou pela falsa ciência.

Na revista trimestral *Patrianova,* depois transformada em jornal mensal, deixou Sebastião Pagano todo o programa político do movimento, recolhido

em 1950 na obra *Orgânica Patrianovista,* e sobretudo teve impacto na época o seu ensaio *O Novo Império do Brasil* (com 10 edições, somando 30 000 exemplares), onde à monarquia está associada a tese de *um imperador responsável que reine e governe escolhendo livremente os seus ministros,* a organização do Estado sob a *base municipal e sindicalista*, implantação do *corporativismo da associação* alicerçado numa *organização sindical de classes profissionais de produção, espiritual e econômica... como base da unidade na representação nacional...* e uma politica internacional... *nacionalista, ativa e cristã...*, competindo a representação dinástica a S.A.I.R. o Príncipe D. Pedro Henrique de Orleans e Bragança, neto da Princesa D. Isabel "*A Redentora*".

A síntese de *O Novo Império do Brasil* estabelecia a liberdade fundamentada na ordem e autoridade, evitando o centralismo republicano; dando a dimensão plena à função administrativa, social e econômica das províncias e dos municípios; oposição ao parlamentarismo resultado do sufrágio universal por uma câmara orgânica onde, pelo critério das classes profissionais e qualitativas, obtém-se uma assembleia perfeitamente apta e consciente para governar o país, devendo lançar severas críticas ao governo, quando necessário, e tendo como garantia o imperador, na sua missão sob a forma clássica e tradicional portuguesa: *o rei governa, mas não administra.*

Os *Patrianovistas* tiveram o mérito na sua época de reagirem ao fatalismo da *Decadência do Ocidente* de Osvaldo Spengler, de terem desmascarado os ícones do comunismo, começando por Bakunine (sempre acompanhado ao longo da vida pela complexo incestuoso com a irmã), Lenine (sofrendo do choque traumático do irmão Alexandre ter sido enforcado), Trostsky (durante a permanência na Áustria a viver tardes e noites jogando xadrez no *Café Central de Viena)* e ao humanitarismo liberal, que passados anos não resistiu às análises dos existencialistas.

Por desinteligências internas com os demais colegas *patrianovistas*, Sebastião Pagano funda em 1935 a *Acção Monarquista Brasileira,* da qual foi secretário-geral, procurando impulsionar de uma forma mais correta o monarquismo brasileiro e em 1937, tentou obter o seu registro como partido político, o qual foi negado liminarmente pelo Supremo Tribunal da Justiça Federal por estar em vigor a célebre *cláusula pétrea.* Com o advento do chamado *Estado Novo* de Getúlio Vargas, as políticas partidárias foram abruptamente suspensas

no Brasil, e só quando este foi deposto ressurgiram novamente. No ano de 1947, Sebastião Pagano funda em São Paulo o *Comitê de Estudos do Problema Monárquico,* em colaboração com os Profs. João de Scantimburgo e Sebastião Moreira de Azevedo, possuindo como órgão de comunicação social o jornal trimestral *O Cetro,* que vigorou até o início da prolongada doença que vitimou Sebastião Pagano.

A 6 de dezembro de 1961, lançou no salão de atos da *Biblioteca Pública de S. Paulo*, um partido politico denominado *Movimento de Restauração Nacional*; o ato público obteve impacto notável, como se pode constatar pelos artigos, comentários e notícias aparecidos na imprensa da época; quando os fundadores do *Movimento* obtiveram as 50.000 adesões para o registro como partido político no Supremo Tribunal Eleitoral, o Brasil entrou no pulso forte dos militares e esta bela iniciativa gorou-se...

A revista *Politica* apareceu em São Paulo, dirigida por Cândido Mota Filho, em janeiro de 1932, depois de uma tentativa frustrada deste para renovar ideologicamente o *Partido Republicano Paulista,* associando à iniciativa o poeta modernista Menotti del Picchia e inserindo este nas suas páginas o polêmico estudo *A Falência da Democracia Politica*, contando ainda entre outros com a colaboração dos *patrianavistas* Octávio Faria, já conhecido pelo ensaio *Maquiavel no Brasil,* e Sebastião Pagano, que publica o artigo *Do Conceito do Estado Integral.*

Para o Autor deste último artigo, o *estado orgânico integral* tem por base a *família* e pela congregação das *famílias* se dá a chamada *sociedade civil* ou *Estado*, o qual não é mais do que a *Nação* politicamente organizada, desempenhando papel preponderante no *Estado integral* a *tradição*, porque o homem não vive sem passado, dando-lhe a dinâmica para projetar o *nacionalismo*, caracterizado por um conjunto típico de valores que vão desde a religião e a língua até os costumes, produzindo o binômio *Estado-Nação*, que não é uma entidade abstrata e independente da sociedade. O *Estado Integral* tem por objetivo atingir e executar o chamado *bem comum,* e para o conseguir alicerça-se em três bases lapidares da própria *Natureza*; a espiritual, a política e a social.

A base *espiritual* é a mais importante, devendo reger a *cidade* para a realização integral do fim próprio do homem e da sociedade; a base *politica* é a escolha do regime mais adequado, devendo este nascer do principio da *au-*

toridade, atendendo à finalidade última do Estado e decorrendo daí a *ordem* governamental e administrativa; a base *social* tem por elemento fundamental a *família*, protegida pela *lei do trabalho* e defendida pelas *corporações profissionais*, órgãos representativos das necessidades sociais com expressão de representação política nos *municípios*.

O *Estado orgânico integral* está em oposição total ao sistema eleitoral parlamentar e partidário produto do sufrágio universal, condutor inevitável do egoísmo, da corrupção e das fraudes das mais diversas espécies e categorias, podendo passar do estado capitalista, liberal e democrático para o estado proletário comunista, ou *marchar* para o estado fascista, com todos os graves defeitos provenientes da sua concepção neo-hegeliana!

Sebastião Pagano colaborou também na revista *Hierarchia*, aparecida no Rio de Janeiro e dirigida por Lourival Nobre de Mello, contando com a colaboração de alguns historiadores e homens públicos de formação liberal, como Pandiá Colageras, Barbosa Lima Sobrinho, Livínio Cardoso e João Neves da Fontoura, de pensadores católicos como o padre jesuíta Leonel Franca, Sobral Pinto e Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima), futuros dirigentes da *Ação Integralista Brasileira*, como Plínio Salgado, Santiago Dantas, Hélio Viana, Antonio Galotti e Olbiano de Mello, onde deixou um ensaio profético em 1933, sobre os resultados nefastos postos em prática posteriormente pelo nazismo alemão.

Quando Plínio Salgado cria em São Paulo a célebre *Sociedade de Estudos Políticos*, convida os Patrianovistas a integrarem o movimento, atendendo à sua pujança intelectual e ao proselitismo politico que estavam promovendo; no ato da fundação foram eleitos para o *Grupo de Centralização* José Carlos Ataliba Nogueira, professor da Faculdade de Direito de São Paulo, e para secretário da *Secção de Estudos* Sebastião Pagano; mas surgiram posteriormente desinteligências com Plínio Salgado, que levaram Pagano a afastar-se da sociedade.

Sebastião Pagano foi católico praticante ardoroso, sempre na brecha na defesa da Igreja Católica, disponibilizando todo o seu saber intelectual e profissional a serviço do Episcopado. Desempenhou durante três décadas o cargo de secretário do *Centro de D. Vital* de São Paulo, fundado no Rio de Janeiro em 1922 por Jackson de Figueiredo; exerceu durante vários anos o cargo de redator responsável do mensário *Hóstia Santa*, órgão do movimento *Adoração Notur-*

na Brasileira; foi secretário executivo do *Congresso Antoniano,* realizado em São Paulo em 1933, que culminou com a bênção e inauguração do movimento ao Santo Taumaturgo pelo Arcebispo Metropolitano de São Paulo, D. Duarte Leopoldo e Silva em frente à igreja de Santo Antônio no Largo do Pary; e colaborou com alguma regularidade no semanário *O Legionário*, órgão oficioso da Arquidiocese de São Paulo, dirigido pelo Prof. Plínio Corrêa de Oliveira.

Também foi apreciado por diversos bispos brasileiros, em especial por D. José Gaspar de Affonseca e Silva, Arcebispo de São Paulo tragicamente falecido num brutal desastre de aviação em 1942; por D. Antonio de Castro Mayer, Bispo de Campos e fundador do mensário diocesano *Catolicismo;* e pelo Cardeal D. Agnelo Rossi, filho de imigrantes italianos radicados em Campinas, que foi Arcebispo de São Paulo e depois, transferido para a Cúria Romana, foi responsável pela Congregação *de Propaganda Fide* e chegou a Cardeal Decano do Sacro Colégio.

O autor de *O Novo Império do Brasil* foi imediatamente escolhido, quando da fundação da *Universidade Católica de São Paulo,* pelo Cardeal Arcebispo D. Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta para integrar o *Conselho Universitário.* Em Campinas, sob a presidência do Reitor, o Bispo D. Paulo de Tarso Campos, fez parte do corpo docente da *Faculdade de Filosofia Ciências e Letras* de Campinas como professor catedrático. Desde que foi criada, na *Universidade Católica de São Paulo*, a *Escola de Jornalismo Casper Libero,* pertenceu sempre ao seu quadro docente; lecionou ainda na *Faculdade de Economia da Universidade Mackenzie,* da capital paulistana, e nunca esqueceu a vinculação à *Escola de Comércio Alvares Penteado,* como professor, tendo no cinquentenário da instituição, preferido no *Cemitério da Consolação* de São Paulo, na romagem ao túmulo do fundador da benemérita instituição de ensino, o elogio fúnebre do conde pontifício Antonio Alvares Leite Penteado.

Aderiu com colaboração intelectual às grandes comemorações nacionais celebradas na *Pauliceia,* entre outras a do Padre José de Anchieta com o estudo *De Rerum Anchietarum.* Como escritor deixou-nos o ensaio histórico *O Conde dos Arcos e a Revolução de 1817*, a excelente e exaustiva biografia *Eduardo Prado e Sua Época*, colaboração dispersa nas revistas *Pátria Nova, Politica, Hierarchia, Verbum,* nas das Universidades Católicas de São Paulo e Campinas, dos Institutos Históricos e Geográficos de São Paulo e da Bahia, e na

Sulco, de Portugal; escreveu mais de 1.300 artigos para os *Diários Associados,* sobressaindo entre estes *O Príncipe Perfeito* (biografia do Príncipe D. Luiz de Bragança) e prefaciou a obra de Carvalho Franco *Nobiliário Colonial*; deixou inéditos alentados ensaios, tais como *Considerações Acerca de um Regime Político, Apologia do Estado Orgânico, Conceito de Estado Legítimo, O Progresso dos Povos não é Revolucionário, Morfologia do Estado Orgânico, O Governo Oculto do Brasil, Razões da Hereditariedade, Afirmações Politicas, D. Pedro II e a Questão Religiosa, Ensaios Históricos, A Bahia ao tempo do VIII° Conde dos Arcos* e *Rafael e o Sentido da Estética.*

Sebastião Pagano, como pensador monarquista, foi sempre respeitado, apreciado e louvado, mantendo relações de amizade ou de cordialidade com personalidades dos mais diversos quadrantes políticos; como Patricia Galvão, militante do *Partido Comunista Brasileiro* desde 1929, agitadora das greves dos portuários de Santos em 1931 e dos tumultos dos operários da construção civil de São Paulo em 1932, presa pela *Gestapo* em França, autora do primeiro romance social brasileiro *Parque Industrial* e, em 1950, eleita deputada à Assembleia Legislativa de São Paulo pelo *Partido Socialista Brasileiro*; mesmo com divergências ideológicas profundas entre Sebastião Pagano e Plínio Salgado, ficou intacta uma sólida amizade e o seu nome foi invocado com ênfase pelo conhecido constitucionalista da Faculdade de Direito de São Paulo, o Prof. Loureiro Júnior, como exemplo claro e evidente de testemunha abonatória na defesa das liberdades e garantias do cidadão com pleno direito a participar na *Vida da Cidade*, no processo que decorreu no Supremo Tribunal Eleitoral, em Brasília, quando tentaram travar a candidatura de Plínio Salgado pela terceira vez à câmara dos deputados em 1970, durante o regime militar no Brasil; ou numa mesa redonda sobre politica brasileira, num canal de televisão paulista, onde teve como antagonista um jovem e promissor professor universitário, mais tarde Presidente da República do Brasil, Fernando Henrique Cardoso!

Por tudo o que escrevi, Sebastião Pagano ficou com um *tipo inesquecível* entre nós, sócios do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.